

HOSPITAL EVANGÉLICO DE CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM
HECI
RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL EM PSICOLOGIA
ATENÇÃO AO CÂNCER

LARISSA DOS SANTOS LAPA

**GRUPO DE APOIO ÀS MULHERES COMO DISPOSITIVO DE
SUPORTE NO TRATAMENTO ONCOLÓGICO: UM RELATO
DE EXPERIÊNCIA SOB ÓTICA DA GESTALT-TERAPIA**

CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM – ES

JANEIRO/2021

GRUPO DE APOIO ÀS MULHERES COMO DISPOSITIVO DE SUPORTE NO TRATAMENTO ONCOLÓGICO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOB ÓTICA DA GESTALT-TERAPIA

GROUP OF SUPPORT TO WOMEN AS A SUPPORT DEVICE IN ONCOLOGICAL TREATMENT: A REPORT OF EXPERIENCE FROM THE VIEW OF GESTALT-THERAPY

LAPA, Larisse dos Santos 1
RIBEIRO, Gustavo Zigoni de Oliveira 2
GASPAR, Rosita Angélica 3

RESUMO

O diagnóstico de um câncer pode traduzir-se em diversas implicações nas esferas de vida dos pacientes em tratamento oncológico. A rede de apoio emerge exercendo papel fundamental no enfrentamento do diagnóstico e do tratamento. Os grupos de apoio são ferramentas eficazes no fornecimento desse apoio ao paciente, configurando-se como uma estratégia para a promoção de qualidade de vida, saúde mental e adesão ao tratamento. Considerando as medidas preventivas impostas pela pandemia do novo Coronavírus, procedeu-se a transposição do grupo de apoio para o formato online. O presente trabalho objetivou apresentar através de relato de experiência sob o referencial teórico da Gestalt-terapia, a funcionalidade desse dispositivo enquanto dispositivo de suporte durante a vigência da pandemia. Observou-se que o grupo atuou como espaço potente e potencializador no fornecimento de suporte social, sendo um dispositivo vivo e resiliente, de promoção de escuta e acolhimento.

Palavras-chave: rede de apoio; Gestalt-terapia e grupos; suporte social no tratamento oncológico; psicologia e COVID-19.

ABSTRACT

The diagnosis of a cancer can translate into several implications in the spheres of life of patients undergoing cancer treatment. The support network emerges playing a fundamental role in facing the diagnosis and treatment. Support groups are effective tools in providing this support to the patient, being configured as a strategy to promote quality of life, mental health and treatment adherence. Considering the preventive measures imposed by the new Coronavirus pandemic, the support group was transposed to the online format. The present study aimed to present, through an experience report under the theoretical framework of Gestalt therapy, the

1 Residente do Programa de Residência Multiprofissional em Atenção ao Câncer do Hospital Evangélico de Cachoeiro de Itapemirim-ES, larissesantos.psi@gmail.com.

2 Orientador: Enfermeiro, Hospital Evangélico de Cachoeiro de Itapemirim-ES, gustavo.ribeiro@heci.com.br.

3 Co-Orientador: Psicóloga, Hospital Evangélico de Cachoeiro de Itapemirim-ES, rosi.angelica7@gmail.com.

functionality of this device as a support device during the duration of the pandemic. It was observed that the group acted as a powerful and empowering space in the provision of social support, being a living and resilient device, promoting listening and welcoming.

Keywords: support network; Gestalt therapy and groups; social support in cancer treatment; psychology and COVID-19.

INTRODUÇÃO

Câncer é a denominação utilizada para designar um conjunto de 100 doenças que têm por característica um crescimento de células de maneira desordenada, com tendência a invadir tecidos e órgãos. Podem ser classificados como carcinomas ou sarcomas, de acordo com o tipo de tecido que afetam, e diferem-se entre si por sua velocidade de multiplicação e capacidade de atingir tecidos vizinhos ou distantes, sendo esta capacidade denominada metástase (INCA, 2019).

Estima-se, conforme dados apresentados pelo INCA (Instituto Nacional de Câncer), para o ano de 2020, cerca de 626.030 novos casos de Câncer no Brasil, o que configura um importante dado para a alocação de investimento financeiro e de recursos humanos na criação de dispositivos para o atendimento aos pacientes em tratamento oncológico.

Segundo Barbosa et. al (2004), o diagnóstico de câncer se traduz em implicações diversas, que além de afetar as configurações físicas, podem gerar repercussões negativas de cunho emocional e social para os pacientes. O tratamento oncológico tem sido entendido a partir de um estigma social como um acometimento gerador de sofrimento e sinônimo de proximidade com a morte.

Tendo como ponto de partida o viés teórico da Gestalt-terapia, o homem é compreendido como um ser relacional, permanentemente em busca de contato consigo mesmo e com o meio, sendo atravessado por suas relações sociais. Dessa maneira, não há dissociação entre este homem e seu campo de relações, sendo estas estruturas constitutivas da maneira do sujeito de ser e estar no mundo (CIORNAI, 1996). Este homem, enquanto paciente de um tratamento oncológico, precisa ser compreendido como ser existencial, relacional e que necessita de uma rede de apoio.

A partir dessa compreensão de sujeito, a Gestalt-terapia, enquanto

abordagem de influência fenomenológica e humanista trabalha junto ao paciente a identificação de sua rede de apoio, bem como recursos internos e externos para o enfrentamento das diversas situações de vida. Griep (2003) traduz a rede de suporte social como o ambiente onde o apoio pode ser fornecido a partir das relações, independente de sua configuração estrutural, tendo em vista que a noção de “rede” é de caráter multifacetado.

O grupo de apoio às mulheres, do qual se trata o presente relato de experiência é realizado semanalmente na Casa de Apoio aos Pacientes Portadores de Câncer de Cachoeiro de Itapemirim (GAPCCI) e é conduzido por um(a) residente de Psicologia e um(a) residente de Serviço Social, ambos alocados no programa de Residência Multiprofissional do eixo de concentração em Atenção ao Câncer, e no ano de 2020 contou também com a mediação da preceptoria de psicologia e preceptoria do serviço social.

Os encontros do referido grupo caracterizam-se pela modalidade aberta, que conforme a Política Nacional de Humanização (2007) são aqueles grupos que possuem temática aberta aos interessados, onde os participantes são convidados a participar, sem exigência de frequência, apresentando fluxo variável. Sendo assim, a formação do grupo pode ser alterada a cada encontro e as participantes são livres para convidar outras pessoas para os encontros.

Esse dispositivo surgiu com o objetivo de proporcionar um espaço de acolhimento e integração para as mulheres em tratamento oncológico do Hospital Evangélico de Cachoeiro de Itapemirim, possibilitando a partir dos encontros o compartilhamento de experiências, promoção de melhor adesão ao tratamento, além de exercer influência positiva na autonomia e cuidado com as dimensões física e psíquica de suas participantes.

Levando em consideração o fenômeno grupal enquanto um dispositivo de apoio e sustentação para as pacientes, este trabalho objetivou apresentar através do relato de experiência de mediação de um grupo terapêutico de público feminino as influências do grupo enquanto vetor de suporte social no enfrentamento do tratamento oncológico, bem como analisar os ajustamentos criativos possibilitados pelo contexto da pandemia da COVID-19.

Nessa perspectiva, buscou-se compreender através do referencial teórico da Gestalt-terapia em seu recorte fenomenológico, a perspectiva do grupo enquanto sistema, elucidando a importância da mobilização da rede de suporte social durante

o tratamento oncológico.

MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia utilizada conta com uma revisão narrativa de literatura a partir da pesquisa em bases de dados online como SciELO (Scientific Electronic Library Online) e LILACS (Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde), utilizando os descritores: “rede de apoio”, “Gestalt-terapia e grupos” e “suporte social no tratamento oncológico”; “psicologia e COVID-19”. Também foi realizada busca em portais dos Conselhos de Psicologia e de órgãos governamentais.

A revisão narrativa reúne publicações respondendo a questões amplas, sob enfoque qualitativo e possibilita revisitação de uma temática contando com análise crítica do autor. Esse tipo de revisão não especifica metodologia para seleção ou critérios de inclusão utilizados durante análise bibliográfica (Rother, 2007).

O relato de experiência procedeu-se a partir dos registros das percepções da facilitadora durante os meses de acompanhamento do grupo (agosto a dezembro de 2020, conforme organização do estágio da residência multiprofissional) e analisado a partir do referencial teórico da Gestalt terapia.

A escolha pelo recorte teórico se deu devido a compreensão de que modelos deterministas e engessados são incapazes de dar conta da existência humana em sua totalidade. Assim, justifica-se o uso da Gestalt-terapia devido a identificação com a compreensão de homem e de mundo preconizados por essa abordagem e os atravessamentos dessa relação e vivência (SOUSA et. al., 2020).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Suporte Social e Oncologia

A rede de apoio pode ser entendida como o conjunto de integrantes de uma rede de relações, que fornecem ao indivíduo o apoio necessário para enfrentamento de situações adversas. Esses vínculos são construídos no decorrer da vida, e neles imperam relações de dar e receber, bem como o aspecto afetivo (NERI, 2001; DUARTE; DOMINGUES, 2020).

De acordo com Carvalho et al., (2008), apesar dos avanços científicos, o câncer é, ainda hoje permeado por estigmas negativos, sendo frequentemente associado a finitude e ao sofrimento. As representações sociais associadas ao diagnóstico podem constituir uma importante barreira ao enfrentamento saudável por parte do paciente, dificultando a mobilização de recursos internos.

O suporte social pode ser compreendido como a ajuda ou apoio ofertado ao indivíduo através das relações interpessoais, fornecendo senso de pertencimento que atua como aspecto protetor de saúde. Estudos associam o suporte social com uma maior facilidade de adaptação a situações de crise, bem como um melhor enfrentamento do tratamento (ORNELAS, 1994; BRITO; KOLLER, 1999).

Sette e Capitão (2018) ao investigarem o efeito moderador do suporte social na qualidade de vida de pacientes oncológicos, observaram que o apoio social foi capaz de exercer influência positiva na qualidade de vida, tanto no que se refere a aspectos físicos quanto na saúde mental.

O estudo supracitado encontrou relações entre a atuação do suporte social e maior tolerância a dor. O impacto negativo do tratamento foi menor para os pacientes que percebiam o apoio social fortalecido, evidenciando uma melhor tolerância aos impactos físicos do tratamento, evitando afastamento das atividades cotidianas. Além disso, foi salientada a influência do apoio social para redução de sintomas psicológicos adversos (SETTE; CAPITÃO, 2018).

No caso de pacientes com câncer de mama, estudos com esse grupo específico apontam que o apoio social tem sido associado a uma melhor adaptação ao diagnóstico e ao tratamento, diminuindo a probabilidade de desenvolvimento de sintomas depressivos (HOFFMAN, et. al., 2006; SETTE; CAPITÃO, 2018).

Durante o percurso de tratamento oncológico, alguns fatores como redes de suporte, relações familiares e espiritualidade emergem como elementos de proteção, influenciando significativamente nas vivências dos pacientes. As redes de apoio não permanecem estáticas durante o tratamento, tornando necessária a busca por alternativas de apoio (AMBRÓSIO; SANTOS, 2015; BIFFI; MAMEDE, 2004).

O Grupo como Dispositivo de Suporte ao Paciente Oncológico

O grupo, afirma Ciornai (1996) pode ser compreendido como um sistema vivo

onde cada indivíduo participa modificando sua estrutura e intermediando seu processo constitutivo. Esse dispositivo atua como campo propício para a criação de uma rede de apoio, tendo em vista as interconexões entre seus membros e as relações potencialmente afetivas envolvidas nos relacionamentos intragrupais, o que possibilita implicações positivas no quadro emocional dos membros (GRIEP, 2003).

Os grupos são ferramentas constituídas por pessoas com motivações em comum e que se reconhecem conectadas por essas motivações. Para tal, os membros devem trabalhar juntos para o alcance do objetivo, organizando-se conforme a dimensão não estática do fenômeno, com vias a possibilitar também reconfigurações no processo intragrupal (AFONSO, 2002).

O homem, enquanto ser social encontra-se inserido em grupos desde seu nascimento e essa é uma participação que se dá durante todo o percurso da vida. Farah (2009) aponta que o pertencimento a grupos como família, escola, vizinhança e trabalho são parte constituinte da história do sujeito, e essas conexões tendem a ampliar-se processualmente conforme as relações estabelecidas com o meio.

Estabelecer contato é, para a Gestalt-terapia, estabelecer relações com o meio. Esse contato se dará sempre no aqui-agora, na experiência, onde os eventos psicológicos ocorrem em um encontro pleno (PERLS, 1985).

Yalom (2006), fala sobre a vivência de grupo como resposta à necessidade de pertencimento do ser humano. As vivências grupais abarcam processos de abertura ao contato e também aceitação, possibilitando acolhimento que poderá atuar como potencial fonte de suporte emocional.

Os valores e aspectos subjetivos dos membros do grupo influenciam seu desenvolvimento, e em contrapartida, o grupo necessita da implicação de seus participantes e do crescimento pessoal dos mesmos para um funcionamento saudável (MOSCOVICI, 2011).

Ribeiro (1994) afirma que o espaço de constituição do grupo é o *locus*⁴ onde os membros experimentam a observação de suas próprias questões pela ótica do outro, conferindo legitimidade ao percurso por eles experienciado, potencializando seus recursos de enfrentamento e possibilitando a criação de significados outros.

O grupo enquanto instrumento terapêutico auxilia no compartilhamento de

4 Termo em latim que significa "lugar". Foi utilizado no presente contexto para referir-se a um lugar específico ou determinado (Dicionário Online de Português, 2020).

experiências, proporcionando ao sujeito experimentar um contato genuíno com o meio, onde há possibilidade de reedição de relações atuantes no suporte (FARAH, 2009).

Além do exposto, estudos apontam que pacientes que são vinculadas a ONGs, grupos terapêuticos ou grupos de atividades têm também maior possibilidade de interação e troca com outras pessoas, o que atua na promoção de bem-estar e pode exercer influência em sua socialização, facilitando a busca por auxílio quando necessário (AMBRÓSIO; SANTOS, 2015; SETTE; CAPITÃO, 2018).

Spiegel (1997) apresenta a correlação entre o apoio social e aumento na expectativa de vida de pacientes com neoplasia de mama. As mulheres participantes da pesquisa recebiam assistência de um grupo terapêutico, e encontravam-se motivadas, planejando estratégias de resolução de problemas e forneciam apoio umas às outras. Os sentimentos de estima e pertencimento, além da aceitação pelos demais membros do grupo atuaram como um vetor de saúde onde se observou um aumento na expectativa de vida de em média 18 meses, quando comparadas a participantes da pesquisa que não participavam de grupos de apoio.

A relação estabelecida pelo autor é de que o apoio fornecido a essas pacientes auxiliaram-nas a passarem de maneira ajustada por situações de estresse, resultando em melhora na qualidade de vida. O grupo surge como ferramenta para auxiliar no tratamento, pois além do amparo há um sentimento de mais valia a partir da percepção de sentir-se útil fornecendo ajuda umas às outras (SPIEGEL, 1997).

O fundo vivencial: Contribuições da psicologia nos cuidados a saúde mental durante a pandemia da COVID-19

Em 2019 foi descrito na China o desenvolvimento de um quadro clínico, que se configurou em um importante problema de saúde pública, com desenvolvimento em grande escala, adquirindo em 2020 proporções internacionais (WORLD HEALTH ORGANIZATION [WHO], 2020).

A COVID-19 pode ser caracterizada como uma síndrome respiratória grave que comumente envolve sintomas como tosse, febre, fadiga e dificuldades respiratórias, com manifestação leve ou moderada na maioria dos casos, ou sintomas mais graves requerendo internações hospitalares e até tratamento em

unidade de terapia intensiva (COSTANTINI et. al., 2020; FERGUSON et. al., 2020).

A preocupação com a rápida escalada da doença levou a Organização Mundial de Saúde (OMS) a adotar medidas como o isolamento e distanciamento social, regime de quarentena, uso de máscaras faciais e fechamento de comércios e escolas para evitar a ampliação do contágio e o colapso do sistema de saúde diante da alta demanda por atendimento (FERGUSON et.al., 2020).

Os estudos em Psicologia das emergências e desastres apontam que eventos de tal magnitude podem desencadear uma série de reações emocionais que podem gerar prejuízos em longo prazo. Alguns fatores de influência na resposta emocional a uma crise global de saúde são: a natureza dos eventos ocorridos, o apoio social recebido durante a história do indivíduo, a saúde física e mental, idade, histórico familiar e elementos da cultura em que se está inserido (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE [OPAS], 2015).

Em epidemias que envolvem risco de morte, é importante ressaltar que o sofrimento pode ser gerado não apenas pelo acometimento da doença, mas também pelas medidas adotadas para controle da mesma. No caso da COVID-19, o isolamento social e a quarentena podem ser geradores de sofrimento emocional, bem como a necessidade de utilização dos equipamentos de proteção individual (EPIs) e as representações sociais acerca da contaminação (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ [FIOCRUZ], 2020a).

Dados recentes estimam que entre um terço e metade da população que vivencia uma epidemia pode desenvolver manifestações de sofrimento psíquico. Esforços têm sido feitos por parte de diferentes órgãos para auxiliar no enfrentamento desse contexto atípico, como a publicação de normativas e cartilhas orientadoras de diferentes entidades. Dentre as recomendações, tem-se o estímulo e investimento em ações e estratégias compartilhadas de cuidado, a fim de aumentar o sentimento de pertença social, além de estabelecer contato com a rede socioafetiva, principalmente de maneira virtual (FIOCRUZ, 2020b; FIOCRUZ, 2020c).

Destaca-se a implementação de medidas na área de Saúde Mental e Apoio Psicossocial (SMAPS) em resposta às necessidades emergentes no contexto da COVID-19, objetivando prevenir as repercussões emocionais na população em médio e longo prazo. O atendimento remoto destaca-se como estratégia de cuidado para o momento vivenciado, corroborando com as recomendações de distanciamento social e isolamento (FIOCRUZ, 2020c).

Em março de 2020, o Conselho Federal de Psicologia publicou a resolução nº 4/2020 que dispõe sobre a regulamentação de serviços psicológicos prestados por meio de Tecnologia da Informação e da Comunicação durante a pandemia de COVID-19. Tais atendimentos devem seguir as recomendações do código de ética da categoria e serem realizados mediante inscrição no site “Cadastro e-Psi” (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2020).

No contexto da pandemia, reitera-se que a escuta atenta e não invasiva dos profissionais de Psicologia, pautada pela ética pode atuar como promotora de bem-estar e redutora do estresse, possibilitando apoio através da avaliação das necessidades dos pacientes em um contexto tão peculiar (FIOCRUZ, 2020c).

Para a qualidade do atendimento prestado, as cartilhas supracitadas ressaltam alguns pontos, dentre eles a importância de assegurar as condições técnicas do equipamento utilizado, fornecendo orientações sobre seu uso, a necessidade de adaptação do setting terapêutico e das intervenções presenciais baseadas em evidências científicas para o uso em atendimento remoto, abarcando as especificidades do tipo de atendimento prestado (FIOCRUZ, 2020b; FIOCRUZ, 2020c).

Reitera-se a importância da formulação de estratégias de cuidados em saúde mental no contexto da pandemia para o atendimento integral das demandas emergentes, mitigando possíveis efeitos tardios nas populações vulneráveis. Alguns desses efeitos podem incluir: luto complicado, depressão, estresse pós-traumático, uso abusivo de álcool e outras drogas, dentre outros (FIOCRUZ, 2020b).

Assim, o atendimento psicológico, tanto no âmbito individual quanto grupal, emerge como importante dispositivo de apoio a pacientes oncológicos, sendo estes um grupo de risco ao desenvolvimento de complicações psíquicas em decorrência da vulnerabilidade e do isolamento social com o afastamento da rede socioafetiva.

Yalom (2006) apresenta a experiência americana com grupos terapêuticos com pacientes com câncer no formato virtual, tanto na modalidade síncrona (com reuniões em que os participantes se encontravam logados simultaneamente) quanto assíncrona (por meio de envio de mensagens de maneira não sincronizada). Através desse dispositivo os participantes puderam receber apoio e compartilhar experiências. Os resultados indicaram menor tempo de hospitalização, melhor comunicação e uma rede de apoio longitudinal que permaneceu por muito tempo após término dos encontros.

ao tratamento, além de exercer influência positiva na autonomia, proporcionando um cuidado integral às pacientes.

O grupo se caracteriza pela modalidade aberta, que conforme a Política Nacional de Humanização (2007) são grupos com temática aberta aos interessados, fluxo variável, onde as integrantes são convidadas a participar sem exigência de frequência. A formação pode ser alterada a cada encontro de acordo com os participantes e os membros são livres para convidar outras pessoas para participar.

A experiência de facilitação do grupo de apoio foi realizada entre os meses de agosto a dezembro de 2020, conforme organização do estágio da residência multiprofissional. A proposta de transformar o grupo de apoio na modalidade virtual surgiu conforme demanda apresentada pela equipe, diante de solicitação das pacientes pelo retorno do grupo.

A pandemia da COVID-19 demandou por reorganização nas diversas esferas sociais, econômicas e de saúde. No mês de agosto de 2020, a cidade de Cachoeiro de Itapemirim encontrava-se em risco alto de contaminação impossibilitando o retorno das atividades do grupo na modalidade presencial. De acordo com o decreto municipal nº 29.627, Art. 29 a suspensão de atividades de projetos sociais e funcionamento de centros de qualidade de vida foi prorrogada visando proteção epidemiológica da população (CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM, 2020).

Tendo em vista que o grupo já se encontrava em funcionamento e as pacientes se conheciam, foi apresentada pela equipe hospitalar a solicitação das participantes pelo retorno dos encontros na modalidade virtual. Assim, procedeu-se no início de agosto o convite a todas as participantes por meio de contato telefônico e o grupo retornou as atividades no dia 08 de agosto através da plataforma Zoom.

Durante o período inicial de experimentação do grupo na modalidade virtual, foram requeridos muitos ajustamentos criativos⁵, tanto por parte da equipe mediadora quanto das demais participantes. Inicialmente foram mapeados os obstáculos relativos ao uso das tecnologias de informação e comunicação, fornecidas as orientações pertinentes ao início das atividades e realizado apoio às participantes que apresentaram dificuldades no acesso ao ambiente virtual.

5 Conceito da Gestalt-terapia utilizado para descrever a capacidade dos indivíduos de ajustarem as necessidades às possibilidades do ambiente, em um mecanismo de autorregulação que indica relação saudável com o meio (D'ACRI et Al, 2012).

Os encontros foram realizados semanalmente, inicialmente pela plataforma “Zoom”, migrando posteriormente para a plataforma “Google Meet” conforme sugestão apresentada pelas participantes no decorrer dos encontros. A transição do programa utilizado foi feita em decorrência de problemas de conectividade (oscilações de áudio e vídeo, desempenho da conexão de rede) e restrição do tempo de uso da plataforma na modalidade gratuita (limite de 40 minutos).

O número de participantes variou conforme disponibilidade das pacientes e adesão ao grupo, oscilando entre 03 e 14 participantes, incluídas as pacientes, facilitadoras e convidados. O tempo médio de duração dos encontros foi de 40 minutos a 1 hora e 20 minutos de atividades e discussão.

Procurou-se mapear as demandas emergentes, fomentando participação ativa e autônoma das pacientes, que eram convidadas a dividir suas experiências e suscitar temáticas para os próximos encontros. Conforme solicitação das integrantes, foram inseridas atividades de psicoeducação sobre o tratamento oncológico, com a participação de profissionais convidados como educador físico, nutricionista, fisioterapeuta, enfermeiras, médica, farmacêutica e uma pedagoga.

Desde o primeiro encontro, foi sugerida pelas facilitadoras uma atividade semanal para o grupo, onde a proposta era que a participante escolhida mediante sorteio apresentasse no próximo encontro um presente simbólico, que seria entregue de forma virtual às demais. Durante o momento de compartilhamento do presente, as pacientes buscaram evocar elementos que atuassem como recursos de enfrentamento utilizados durante o período de pandemia, evocando estratégias coletivas para utilização das demais participantes.

Outro momento comum a todos os encontros foi o registro da fotografia do grupo, anteriormente realizada durante as reuniões presenciais. A foto transformou-se em um print da tela do computador, registrando o momento compartilhado pelas participantes presentes. Essas propostas foram uma alternativa encontrada pelas mediadoras de ajustar atividades realizadas presencialmente à modalidade virtual, trazendo a compreensão de que a singularidade e a identidade daquele grupo permaneciam presentes no novo formato com toda a sua potência.

Ao final de alguns encontros, as participantes eram incentivadas a fornecer feedbacks acerca das vivências e atividades realizadas. A equipe facilitadora se reunia mensalmente para planejamento e revisão dos objetivos do grupo, bem como avaliação das propostas.

Analisando os fenômenos suscitados no campo

Compreendendo o grupo de apoio como um dispositivo de sustentação para as pacientes em tratamento oncológico, optou-se por analisar a partir da ótica da Gestalt-terapia os reflexos do suporte ofertado dentro desse sistema a partir da experiência de mediação do grupo durante a transição para a modalidade virtual, analisando os impactos do novo formato proposto durante a pandemia.

Tendo em vista que o grupo de apoio às mulheres encontra-se em atividade há alguns anos, é possível observá-lo como um organismo vivo, um fenômeno não estático, que se modifica a cada encontro de acordo com seus participantes, por ser um grupo aberto. Ademais, a cada quatro meses o grupo transforma-se em um “novo” grupo, adquirindo outra roupagem a partir da substituição de seus mediadores, conforme organização do estágio da residência multiprofissional.

Levando em consideração o exposto, a presente análise precisa ser contextualizada no fenômeno do aqui-agora, com todos os atravessamentos de seu recorte histórico específico. Ribeiro corrobora que:

O processo grupal (...) não termina nunca, porque em permanente mudança. É sempre novo, porque é uma coisa viva, transformadora, contida e incontida, mensurável e imensurável, real e simbólica, cheia de evidência e mistério (RIBEIRO, 1994, p.33).

Faz-se necessário pontuar que o grupo online não é estruturalmente igual ao presencial, e não o pretende ser, uma vez que os encontros na modalidade virtual se mostram possíveis em decorrência de um novo contexto imposto pela pandemia. Conforme aponta Heidegger (1997), não há como dissociar o homem de seu horizonte histórico, do contexto em que está inserido.

Dessa forma, observa-se que as novas normas promulgadas pelo Conselho Federal de Psicologia possibilitaram o encontro da profissão com as demandas emergentes no contexto social. Nos recortes históricos da pandemia, tais mudanças proporcionaram um novo escopo para atuação dos psicólogos, construído sobre o mundo experienciado pelos profissionais e pacientes. Participantes que possuíam dificuldade de acesso ao grupo presencial, seja em decorrência da distância, dificuldades de locomoção ou efeitos colaterais do tratamento, foram possibilitadas a encontrar-se com essa importante ferramenta através da oferta online.

Dentre outros desafios observados nesse percurso, enfatiza-se o estranhamento inicial diante de uma proposta alheia às práticas convencionais,

ainda sem um arcabouço teórico que proporcionasse segurança e fundamentação sólida para a prática, o que se apresentou por meio de uma resistência inicial. O lugar seguro deu lugar a necessidade de acomodação de um fenômeno incerto, um rompimento com a familiaridade.

Grincenkov (2020) chama a atenção para a ineficiência da formação em psicologia em abordar temas como a intervenção em emergências e desastres e as novas modalidades de atendimento, especialmente o não presencial, e esse constitui-se um importante atravessamento da experiência das facilitadoras, em decorrência do fenômeno desconhecido.

A experiência com grupos online apresentou-se como grande novidade às facilitadoras envolvidas no processo, sendo esta uma proposta sem precedentes dentro da residência multiprofissional, que só foi possível a partir da suspensão de concepções *a priori* e de conceitos pré-estabelecidos.

A sociedade como um todo possui um olhar prévio sobre a tecnologia, e essas representações sociais elucidaram a importância de ressignificar o olhar antes enrijecido. Adentrando o campo do fenômeno, foram suscitados os questionamentos: Como fazer psicologia sem o encontro face a face com o corpo e a expressividade? Como construir uma relação terapêutica fundamentada em uma realidade virtual?

Observa-se assim, que a internet não se apresentou como um não-lugar, mas como um campo diferente, onde o fenômeno tem a possibilidade de se mostrar, caso abertos estejamos para tais vivências. Nesse novo contexto, o vínculo precisou ser estabelecido através da tela, uma presença que precisou se mostrar por meio de um encontro afetuoso, que não se intimidou diante da distância física.

Se compreendermos o lugar dos encontros virtuais na experiência pessoal das participantes, há que se considerar que a atribuição de sentidos é dada por cada sujeito de acordo com seu campo vivencial. Desse modo, não há possibilidade de uma análise fechada. Quem validará a experiência se não cada participante que esteve presente em tais processos? O campo vivencial é aqui abordado partindo do pressuposto da experiência singular enquanto mediadora.

Por vezes, o rigor técnico dentro da psicologia afasta a possibilidade de experienciar o fenômeno como ele se mostra, e no caso do grupo de apoio, o novo contexto evocado pela pandemia construiu possibilidades de um movimento do fazer e se refazer a partir desse novo lugar. Reafirma-se assim o compromisso ético-político da Gestalt-terapia de atuar conforme as demandas da dimensão humana e

do momento histórico, em uma proposta de integração das partes de um todo.

Dentre as temáticas emergentes nos encontros virtuais, figuraram temas relacionados ao tratamento oncológico, como os efeitos colaterais, a prevenção e o diagnóstico. No aqui-agora do grupo, apresentaram-se também aspectos da vida cotidiana, como o racismo e os desafios da mudança de rotina. As estratégias de manutenção do autossuporte e do heterossuporte, o isolamento e o contato com a condição ontológica de finitude também foram temáticas disparadas pelo contexto da pandemia.

As atividades foram sempre repensadas a partir dos incômodos suscitados a cada encontro, a partir dos atravessamentos presentes no campo vivencial das participantes, priorizando especialmente os aspectos mais emergentes e as experiências de cada uma.

Salientando o exposto por Sousa et. al. (2020), todo o universo científico conhecido, é um universo que só foi possível compreender a partir do mundo vivido e experienciado. Dessa forma, buscou-se durante todo o percurso do grupo pensar a adaptação das atividades para as necessidades e desafios que se mostravam, ainda que fossem observadas barreiras diante da novidade e do desconhecido, reconhecendo o caráter inacabado da experiência e as demandas do contexto histórico.

Conforme relato das pacientes, o grupo tem um papel significativo em sua rotina semanal, na sociabilidade e no enfrentamento de adversidades, constituindo-se um espaço de estímulo e cooperatividade. Para as mediadoras, o dispositivo grupal também exerceu esse papel, desafiando, propondo o ato de repensar práticas e se construindo no decorrer dos meses enquanto espaço potente e potencializador. Mostrou-se também como rede sólida, mas maleável, construída na experiência e pela experiência, onde foi possível pensar os diversos caminhos para se fazer psicologia, ainda que em contextos pouco explorados.

Uma leitura dos processos que permeiam essa transição do presencial ao virtual só pode ir de encontro a uma clínica que se faz em uma perspectiva de campo⁶, que não pode se dar separada da experiência de ser e estar no mundo.

⁶ O conceito de campo auxilia na compreensão dos eventos partindo do pressuposto de que o homem é um ser em relação e sua experiência não pode ser dissociada do ambiente que o circunda Ribeiro (1985),

Assim, encontramos na Gestalt-terapia a criatividade de se refazer, de produzir outros sentidos a partir do rompimento com aquilo que antes era conhecido.

Os feedbacks afetuosos mostraram-se força motriz das construções coletivas, onde as participantes forneciam sustentação ao grupo, e o senso de pertencimento se fortaleceu a partir das tonalidades afetivas observadas

Por fim, a solicitação das integrantes do grupo preza pela manutenção dos encontros no formato virtual, ainda que posteriormente ocorra a volta do grupo presencial em contexto pós-pandemia, o que constitui-se importante analisador de resposta positiva ao novo formato e sugere uma postura de abertura às novas possibilidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fim de fomentar ações que potencializem o sistema de apoio ao paciente em tratamento oncológico, buscou-se relatar, com base no período de inserção no grupo de apoio às mulheres, a importância do suporte social e a atuação do grupo enquanto dispositivo de apoio, narrando a experiência adaptativa do grupo em questão em virtude da pandemia COVID-19.

A partir da vivência foi possível observar que os grupos de apoio podem incidir positivamente sobre o enfrentamento das participantes na medida em que proporcionam integração, troca de saberes e experiências, construções coletivas e fomentam maior autonomia durante o tratamento. Esse dispositivo mostrou-se potente espaço de escuta e acolhimento, evidenciando o apoio recebido em seu interior.

Observou-se que os desafios impostos por um contexto atípico e sem precedentes no horizonte histórico vivencial das pacientes e mediadoras apresentaram-se durante todo o percurso e demandaram capacidade de ajustar-se criativamente e recriar formas de ser, desvelando novas possibilidades e outros modos de fazer psicologia, resistindo e se apropriando, confiando que o fenômeno se apresentaria na vivência e desvelaria o caminho.

Nesse contexto, o normal conhecido já não esteve presente. Foram então desorganizados os sentidos e significados construídos historicamente sobre o que é fazer psicologia, sobre as vivências grupais e sobre as relações do grupo em si a

partir dos novos formatos. O grupo se mostrou eficaz na promoção de suporte, ainda que diante dos desafios expostos e novas possibilidades foram descortinadas a partir da abertura à experiência.

Reitera-se, que os estudos em torno da vivência de profissionais inseridos nesses grupos se constituem de grande importância para o programa de Residência Multiprofissional do Hospital Evangélico de Cachoeiro de Itapemirim, uma vez que fomentam a criação de novos dispositivos de suporte aos pacientes em tratamento oncológico e proporcionam espaços de atuação que contribuem para a formação profissional dos especialistas em Atenção ao Câncer.

REFERÊNCIAS

AFONSO, M. L. Oficinas em dinâmica de grupo - um método de intervenção psicossocial. Belo Horizonte: Edições do Campo Social, 2002.

AMBRÓSIO, Daniela Cristina Mucinhato; SANTOS, Manoel Antônio dos. Apoio social à mulher mastectomizada: um estudo de revisão. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, p. 851-864, 2015.

BARBOSA, L. N. F. et al. Repercussões psicossociais em pacientes submetidos à laringectomia total por câncer de laringe: Um estudo clínico-qualitativo. **Revista da SBPH**, v. 7, n. 1, p. 45-58, 2004.

BIFFI, R. G; MAMEDE, M. V. Suporte social na reabilitação da mulher mastectomizada: o papel do parceiro sexual. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 38, n. 3, p. 262-269, 2004.

BRASIL. Decreto municipal nº 29.627, de 31 de julho de 2020. Diário oficial do município de Cachoeiro de Itapemirim Estado do Espírito Santo, Poder executivo, Cachº de Itap, E.S, 31 julho. 2020, nº 29627.

BRITO, R. C.; KOLLER, S. H. Desenvolvimento humano e redes de apoio social e afetivo. In: CARVALHO, A. M. (org.). O mundo social da criança: natureza e cultura em ação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

CASA DE APOIO AO CÂNCER. Casa de Apoio ao Câncer - GAPCCI, 2020. Finalidades Estatutárias. Disponível em: <http://casadeapoiocancer.org.br/finalidades-estatutarias/>. Acesso em: 04 de jan. de 2020.

CIORNAI, S. Tocando o fundo: pano de fundo das figuras do nosso viver. **Revista**

de **GESTALT**, n. 5, p. 7-22, 1996.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA - Resolução do exercício profissional nº 4, de 26 de março de 2020.

COSTANTINI, M. et. al. Response and role of palliative care during the COVID-19 pandemic: a national telephone survey of hospices in Italy [Ahead of Print]. **Palliative Medicine**, 2020.

D'ACRI, G.; LIMA, P.; ORGLER, S. (Ed.). **Dicionário de Gestalt-terapia: "gestaltês"**. Summus Editorial, 2012.

LOCUS. *In*: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/locus/>>. Acesso em: 27/09/2020.

DUARTE, Y. A. O.; DOMINGUES, M. A. R. Família, rede de suporte social e idosos: instrumentos de avaliação. São Paulo: Blucher, 2020.

FARAH, A. B. Psicoterapia de grupo: reflexões sobre as mudanças no contato entre os membros do grupo durante o processo terapêutico. **IGT na Rede**, v. 6, n. 11, 2009.

FERGUSON, N. et. al. Report 9: Impact of non-pharmaceutical interventions (NPIs) to reduce COVID19 mortality and healthcare demand, 2020.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). Saúde mental e atenção Psicossocial na pandemia COVID-19: Cuidados paliativos orientações aos profissionais de saúde [internet]. 2020a [acesso em ago 13]. Disponível em: https://efg.brasilia.fiocruz.br/ava/pluginfile.php/73443/mod_resource/content/7/cartilha_cuidados_paliativos.pdf.

_____. Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: recomendações gerais [internet]. 2020b [acesso em 2020 jul 20]. Disponível em: https://efg.brasilia.fiocruz.br/ava/pluginfile.php/73427/mod_resource/content/3/cartilha_recomenda%C3%A7%C3%B5es_gerais.pdf.

_____. Saúde mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID-19: recomendações aos psicólogos para o atendimento online [internet]. 2020c [acesso em jul 27]. Disponível em: https://efg.brasilia.fiocruz.br/ava/pluginfile.php/73438/mod_resource/content/5/cartilha_recomenda%C3%A7%C3%B5es_online.pdf.

GRINCENKOV, F. R. A Psicologia Hospitalar e da Saúde no enfrentamento do coronavírus: necessidade e proposta de atuação. **HU Revista**, v. 46, p. 03-04, 2020.

GRIEP, R. H. Confiabilidade e validade de instrumentos de medida de rede social e de apoio social utilizados no Estudo Pró-Saúde. Tese de doutorado não-publicada, Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública, Rio de Janeiro, RJ. 2003.

HEIDEGGER, M. Ser e Tempo (I, II). Trad. Márcia Sá Cavalcante Shuback. Petrópolis: Vozes, 2002.

HOFFMAN, F. S; MULLER, M. C; FRASSON, A.L.. Repercussões psicossociais, apoio social e bem-estar espiritual em mulheres com câncer de mama. **Psicologia, Saúde & Doenças**, vol. 2. p. 239-254, 2006.

INSTITUTO NACIONAL DO CANCER (INCA/MS). *Estimativa de Câncer no Brasil, 2020*. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/estimativa/estado-capital/brasil> (acesso em 14 de maio de 2020).

MOSCOVICI, F. **Desenvolvimento interpessoal: treinamento em grupo**. José Olympio, 2003.

NERI, A.L. Palavras-chave em gerontologia. In: **Palavras-chave em gerontologia**. 2001. p. 136-136.

Organização Pan-Americana da Saúde (2015). Primeiros cuidados psicológicos: Guia para trabalhadores de campo (M. Gagliato, Trad.). Brasília, DF: OPAS.

ORNELAS, J. Suporte social: origens, conceitos e áreas de investigação. **Análise psicológica**, v. 12, p. 333-339, 1994.

PERLS, F. A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia. In: **A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia**. p. 210-210, 1997.

RIBEIRO, J. P. **Gestalt-terapia: refazendo um caminho**. Summus Editorial, 1985.

_____. **Gestalt-terapia: o processo grupal**. São Paulo: Summus Editorial, 1994.

ROTHER, E.T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta paulista de enfermagem**, v. 20, n. 2, p.5-6, 2007.

SETTE, C. P; CAPITÃO, C. G. Efeito moderador do suporte social em pacientes oncológicos. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 19, n. 2, p. 265-277, 2018.

SOUSA, A, L; GADELHA, C.L; PIMENTEL, C.G; FREIRE, K.E.F. O lugar da psicoterapia no ambiente virtual: a experiência vivida. In: **Congresso Luso-Brasileiro de práticas fenomenológico-existenciais**, 4, 2020, Rio de Janeiro,

RJ. **Anais** (on-line). Disponível em:
<https://www.ifen.com.br/pdfs/ANAIS%20IV%20CONGRESSO%202020.pdf>. Acesso em 04/01/2021.

SPIEGEL, D. Apoio social: Como os amigos, a família e os grupos podem ajudar. **Equilíbrio mente e corpo: Como usar sua mente para uma saúde melhor**, p. 283-298, 1997.

TELLEGEN, T. A. **Gestalt e grupos**. Summus Editorial, 1984.

YALOM, I, D.; LESZCZ, M. **Psicoterapia de grupo**. Artmed Editora, 2006.